

Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação
Fazenda do Valverde

código
AV – FO1 – SJVRP

localização
Valverde

município
São José do Vale do Rio Preto

época de construção
século XVIII / XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
hotel / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Anta



Fazenda do Valverde, acesso principal

coordenador / data **Francyla Bousquet – dez 2008**
equipe **Maciel Zanette e Priscila Oliveira**
histórico **Francyla Bousquet – dados obtidos das historiadoras: O. Limongi e Ângela Limongi Carvalho**

revisão
Coordenação técnica do projeto

Situada em área urbana, a Fazenda Valverde é acessada a partir da RJ-134, que corta a localidade de São José do Vale do Rio Preto de ponta a ponta. A entrada para a rua José Silveira de Medeiros, onde está estabelecida a estância, ocorre em bifurcação que exhibe placa que norteia para acesso à BR-116 e para a localidade de Pouso Alegre. Uma vez tomada a direção de Pouso Alegre, logo adiante se avista a porteira da fazenda, à esquerda (f01).

O pórtico de acesso da fazenda é construção nova. Comparativamente ao croqui da FUNDREM¹ (f02), realizado em agosto de 1982, percebe-se que o acesso, então, era feito mais lateralmente à sede, em frente à qual foi assinalada compacta massa de vegetação. Hoje, o mesmo acontece quase que perpendicularmente à fachada principal da sede, sinalizando a intervenção no terreno e o deslocamento da entrada.

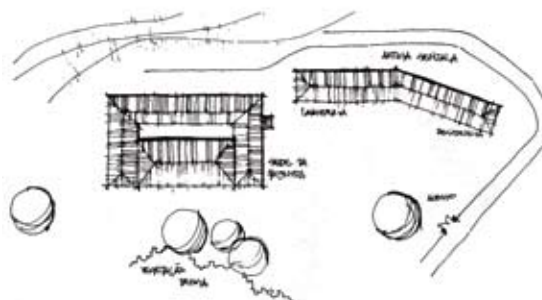
Implantada próxima à colina adjacente – que alterna concentração de vegetação e corte em talude (f03) –, a fazenda presta-se hoje ao uso turístico, o que motivou algumas intervenções no sentido de adaptar as edificações encontradas pelos atuais proprietários à finalidade presente.

A despeito da proximidade do contexto citadino, a região de entorno da fazenda apresenta uma vegetação densa e exuberante, que compensa sua urbanidade. Todo o complexo está assentado em terreno plano, cortado frontalmente pelo Córrego da Boa Vista – tributário do Rio Preto –, ao qual se sobrepõem duas pequenas pontes de madeira, que permitem o acesso à fazenda propriamente dita (f04).

A parte frontal do terreno da fazenda, passado o córrego, é entrecortada por caminhos calçados com paralelepípedos; já na parte posterior, os caminhos são em terra batida, reservados para trânsito de serviço, embora não haja barreira física entre ambas as partes. Na lateral da sede, há pequena plantação sob pergolado, no local onde anteriormente havia o terreiro de secagem de café. Tudo o mais é coberto com amplo gramado, o qual, eventualmente, recebe algum paisagismo.



01



02



03



04

¹ FUNDREM, Fundação para Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – Inventário dos Bens Culturais do Município de Petrópolis, RJ, 1982.

As edificações originais remanescentes na Fazenda do Valverde resumem-se, atualmente, à sede e à senzala, esta última com casa de colonos anexa, perceptível, inclusive, pela projeção em altura de sua cobertura, com relação ao telhado da senzala (f05). Parte dessa área, destinada à residência de colonos, ruiu – a redução dessa construção pode ser conferida através da comparação entre o croqui da FUNDREM, já mencionado, e o croqui atual realizado durante o presente inventário (prancha 1/4). Ainda há resquício de telhado da parte não mais existente (f06) – na verdade, parte do frechal¹ da antiga construção –, engatado no telhado existente.

As demais construções identificadas foram realizadas em função das necessidades geradas pela atual função do lugar: o salão de festas; o alojamento; a fonte; e até mesmo a capela, esta última atendendo a um desejo do proprietário, já falecido na época da construção do templo, que foi edificado há cerca de dez anos e reproduz, tal e qual, edifício religioso mineiro.

A linha de conduta adotada pelos proprietários na construção de novos anexos dificulta a identificação das construções originais, uma vez que as intervenções repetem exatamente os padrões e acabamentos antigos. Esta forma de intervir é percebida nos edifícios, tanto externa quanto internamente.

Os atuais proprietários, antigos donos da Fazenda Calçadinho, não sabem informar a respeito da existência do quadrilátero funcional. Apenas se pode destacar a proximidade entre a sede, a senzala e o antigo terreiro de café – este contíguo a sede, em pequena elevação com base em pedra (f07). Essa projeção da reconstrução nos fornece, a princípio, uma implantação linear dos elementos de composição da antiga fazenda de café.

O edifício da sede, na maior parte de sua área, apresenta somente um pavimento, mas o corpo central da fachada principal apresenta um segundo nível, com balcão na face voltada para a entrada da propriedade (f08). Construção sobre porão baixo, que exibe pequenas aberturas para ventilação, as quais, na fachada principal, recebem acabamento em aro de pedra aparelhada, conferindo aos vãos o caráter de pequenos óculos circulares.



05



06



07



08

¹ Nos madeiramentos de telhado, viga disposta em geral na horizontal, apoiada diretamente sobre a alvenaria. Serve de apoio aos caibros na primada da construção e, algumas vezes, também a outras peças do vigamento. Comumente as peças do madeiramento (...). Em construções de taipa, trata-se de viga de madeira disposta no sentido horizontal, situada na parte superior do esqueleto (ou engradamento). Compõe, juntamente com baldrames e esteios, a estrutura principal do prédio. Pode ficar aparente ou ser revestido. (ALBERNAZ, Maria Paula, LIMA, Cecília Modesto. *DICIONÁRIO ILUSTRADO DE ARQUITETURA – VOLUME I*. São Paulo, 1997-1998. Pro Editores, 316p. II.)

Os acessos à sede ocorrem na fachada principal, lateral esquerda e posterior. A entrada principal é feita através de rampa em lajes de pedra, ladeada por pequenos jardins, atingindo um patamar de acesso, aonde aportam lateralmente, dois curtos lances de escada, também em pedra. O acesso da fachada lateral configura-se ainda como uma interligação com a senzala, onde hoje funciona o salão para café da manhã (f09). Percebe-se claramente que esta interligação é um acréscimo, tendo em vista a diferença de acabamento do trecho rampeado para o patamar com degraus. Já na empena dos fundos, o ingresso ocorre através de porta conjugada à pequena janela, que determina uma entrada de serviço, pois, através desse vão, chega-se diretamente à cozinha (f10). Não foi possível observar o material constitutivo das paredes da sede. Nota-se, no entanto, que não há diferença de espessura entre as vedações externas e internas – todas apresentam 19 cm. Esta observação estende-se, inclusive, à edificação da antiga senzala. O material produzido pela FUNDREM esclarece que a construção tem “estrutura de madeira independente e fechamento de pau-a-pique embarriado, assente sobre embasamento de pedra e circundado por um calçamento do mesmo material”.

A cobertura, em telhas coloniais, é arrematada nos beirais por lambrequins² de madeira e forro guarda-pó. O volume mais alto da sede apresenta escoamento das águas pluviais através de calhas e condutores verticais de cobre. As águas dos demais telhados são despejadas diretamente no solo.

A solução de condução das águas pluviais da parte mais alta da sede sugere que talvez tenha havido um acréscimo deste andar, visto que parte das águas dos telhados mais baixos contribuem em direção às empenas laterais desse primeiro pavimento, o que geralmente causa problemas de infiltração e umidade (f11).

A tipologia das esquadrias difere de acordo com o local onde são empregadas. Nas fachadas principal e laterais, exibe como padrão folhas duplas de abrir, externamente em caixilharia de vidro e madeira, com esbelta sobreverga e peitoril com pingadeira, ambos também em madeira; e, internamente, folhas cegas almofadadas – sempre encaixadas em vãos de verga em arco abatido com ombreiras. Distinções são identificadas nas portas principal e lateral – que não apresentam as folhas em caixilharia – e na porta-janela³ – que apresenta bandeira em caixilharia de vidro (f12).



09



10



11



12

² Ornato de madeira ou folha metálica recortada e vazada em forma de rendilhado, utilizado no arremate decorativo de elementos da construção. Comumente localiza-se a prumo, nas extremidades dos beirais do telhado. Pode também situar-se entre colunas de alpendres e nos vãos de janelas. (...) – (Ibidem.)

³ Porta que tanto serve de passagem como possibilita ventilar e iluminar um compartimento, portanto assumindo também as funções de janela. É usada em balcões, alpendres e terraços. Em geral, constitui-se como em uma porta de abrir com duas folhas ou em uma porta de correr. (Ibidem.)

As esquadrias da fachada posterior mantém menores dimensões, além de tipos mais simples: a única porta (acesso à cozinha) é de folha simples, cega, do tipo ensilhada⁴. Já as janelas são em caixilharia de vidro, algumas do tipo guilhotina (quartos), outras de bascular (WC's das suítes), algumas de correr (cozinha nova) ou ainda, fixas (cozinha antiga). Essa diversidade de tipos de esquadrias reflete as intervenções internas ocorridas junto a essa empena, como o acréscimo de banheiros – que se traduziu em um volume anexado à fachada posterior (f13) – e a construção de uma cozinha moderna, junto à cozinha original da sede.

A sede, relativamente a seus espaços e acabamentos, encontra-se bastante fiel à sua configuração original. As maiores intervenções ocorreram em função das inserções de banheiros, onde houve subdivisão de quartos e criação de áreas anexas à casa, e na antiga cozinha.

Internamente, pisos em régua de madeira revestem todos os ambientes. Na sala de jantar e no auditório, esses pisos recebem acabamento em tabeira com régua de duas cores. Nos demais ambientes, o tabuado utilizado apresenta uma só coloração. O único piso que destoa desse padrão é o da antiga cozinha, onde ainda existem o fogão e o forno a lenha originais da fazenda. Conta a atual proprietária que, ao adquirir a fazenda, a cozinha apresentava apenas os barrote de piso, não mais havendo as tábuas que lhe davam acabamento, em razão de terem sido utilizadas pelos antigos moradores como lenha. O piso que hoje lá está – é proveniente da antiga calçada da Praça São José, que foi retirado a pedido do dono de uma das lojas lá existentes. O esposo da atual proprietária da fazenda, empreiteiro local, reaproveitou as pedras retiradas, e que seriam naturalmente descartadas, para revestir os espaços citados (f14 e f15).

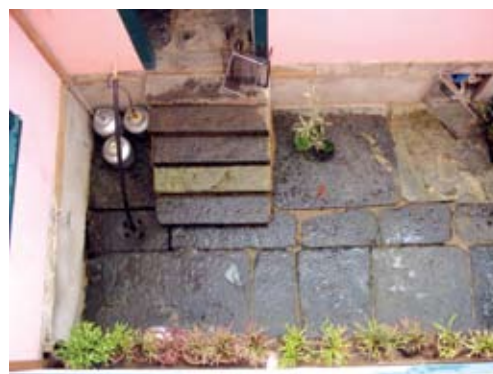
Os forros também são, com raras exceções, do tipo saia-e-camisa, sendo emoldurados por requadros lisos e arrematados por roda-tetos compostos de partes frisadas e lisas.



13



14



15

⁴ Porta formada por tábuas grossas verticais, unidas por encaixe macho e fêmea, consolidada por travessas ou taleiras com seção em forma de cunha, totalmente embutidas no tabuado vertical. Foi muito usada em edificações antigas mais modestas. É também chamada de porta relhada, porta enrelhada ou porta entaleirada. (Ibidem.)

O *hall* de entrada apresenta-se como o ambiente mais requintado dessa edificação, com alvenarias apresentando pintura decorativa (f16) sobre argamassa (o inventário da FUNDREM cita pintura sobre madeira), e portas almofadadas em pinho-de-riça. A pintura mural exibe almofadas coloridas, acompanhando a padronagem das folhas das portas. Estas possuem bandeiras com acabamento em pintura branca lisa – que provavelmente era estendido ao restante da esquadria –, e fechamento em vidro tipo fantasia. Os rodapés em madeira apresentam pintura imitativa de mármore, com a técnica *trompe-l'oeil*, expressão francesa que significa “enganar o olho” (f17). As portas laterais desse *hall* possuem verga reta, enquanto as localizadas ao fundo desse ambiente repetem o padrão de verga em arco abatido com ombreiras, observado na maioria das fachadas dessa edificação. A atual recepção ainda guarda o forro de gamela⁵, arrematado com régua lisa de madeira (f18), e a pintura parietal, que adornavam esse espaço, outrora ocupado pela capela da fazenda. O oratório original foi transferido para espaço lateral da capela externa (f19). Um detalhe bastante interessante neste oratório é a gravação, nos vidros das folhas de portas que abrem para seu interior, de um ícone maçônico conhecido como *Triângulo Fulgurante* (f20), que representa o Supremo Criador de todas as coisas através da imagem de um olho inscrito num triângulo radiante, que simboliza a Sabedoria e a Providência, denotando ainda os três atributos da Divindade – a onipresença, a onividência e a onisciência.



16



17



18



19



20

⁵ Forro de madeira, nesse caso formado por dois painéis inclinados e trapezoidais, e um horizontal e retangular, fechando o espaço deixado pelos demais. (...) Foi muito usado em prédios antigos e suntuosos, como igrejas e mansões. Elementos da construção com a forma de forro de gamela são chamados de agamelados. São também chamados de forro de masseira, forro armado, teto em masseira ou teto de armação. (Ibidem)

Já o oratório exposto no altar da capela externa, segundo a atual proprietária, é proveniente de outra fazenda. Trata-se de peça de estilo rebuscado, utilizado com mesa complementar e que, numa observação especulativa, provavelmente deveria ter sido parte de um retábulo, a julgar pela descontinuidade do acabamento em seu tampo, oculta pela toalha do altar (f21 e f22).

Na recepção (antiga capela), bem como na sala de jantar, estão à mostra várias peças antigas, como ferros de passar a carvão, balanças, máquinas de costura e artefatos utilizados para aprisionamento e flagelo aos escravos. Segundo inventário da FUNDREM, estas peças teriam sido trazidas da Fazenda Boavinda, em Sapucaia (f23).



21



22



23

A edificação da antiga senzala recebeu um grande acréscimo de área em sua parte de fundos (f24), onde foram alocados os depósitos e o salão de jogos. No entanto, a estrutura do edifício ainda identifica bem a sua volumetria original e uso originais, pelas peças de grande porte em madeira cortadas à enxó e pelo gradeamento, também de madeira, que se prestava à ventilação e segurança (f25 e f26). Neste local é mais evidente a distinção entre acréscimos e partes originais, exatamente pela seção e aparelhamento das madeiras que, quando atuais, exibem superfícies lisas e dimensões econômicas. No entanto, em função da ruína anterior de parte deste corpo, é possível que algumas madeiras tenham sido reaproveitadas. Na área destinada às antigas casas dos colonos, hoje se encontram quartos para hóspedes. A elevação do telhado é percebida internamente com o arremate vertical do ripamento de madeira (f27).

Os revestimentos de toda essa área – piso e forro (quartos e áreas de serviço)– são novos. Nas grandes áreas de uso comum, o forro é em telha-vã⁶, onde é possível perceber a intervenção no telhado, com a troca das telhas antigas de canal por outras modernas, de forma que as telhas retiradas pudessem ser remanejadas para a posição de capa, mantendo assim o aspecto estético antigo dos telhados das construções. Segundo a atual proprietária, o mesmo expediente foi utilizado nos demais telhados das outras construções do complexo.



24



25



26



27

⁶ Telha canal assente na cobertura sem argamassa. Teto sem forro, no qual ficam aparentes o vigamento do telhado e as faces inferiores das telhas. (Ibidem.)

A fazenda é mantida com muito zelo pela proprietária, o que se nota pelo bom estado geral dos edifícios e do terreno propriamente dito. Alguns danos identificados concentram-se especificamente na sede, a mais requintada construção do complexo.

Externamente, patologias são identificadas nos beirais, que já perderam parte de seus lambrequins e forros, provavelmente devido ao acúmulo de umidade e exposição às intempéries (f28) – constituídos de madeira. Este material mostra-se friável quando exposto em tão frágeis dimensões, como é o caso das réguas de forros e do bordado recortado que forma os lambrequins. A altura dos beirais é um dos complicadores que dificulta a manutenção periódica, fundamental para o resguardo desses acabamentos.

Nota-se, ainda, que as fachadas receberam uma colmatação nas muitas pequenas fissuras que se espalham pelas empenas (f29), especialmente na principal e lateral esquerda, talvez por se tratarem das mais expostas às intempéries.

Internamente, algumas avarias são percebidas pontualmente nos pisos e no *hall* de entrada. Alguns trechos do piso do salão de jantar encontram-se desgastados, notadamente nas tabeiras (f30).

No *hall* de entrada, as pinturas de parietais acham-se com o substrato de massa rachado em alguns pontos (f31), problema aparentemente recorrente, tendo em vista que são visíveis sinais de restauração da pintura em outros pontos das paredes (f32).

As fissuras internas no *hall* de entrada e nas empenas externas exibem o mesmo aspecto e espessuras similares, fazendo crer que sejam resultado de um mesmo processo de recalque das estruturas em relação ao terreno. A esse fato soma-se a rachadura existente na quina da parede de um dos quartos frontais no térreo, o que leva a crer na inexistência ou ineficiência de amarração entre as alvenarias, face a esforços de movimentação das mesmas.

Em relação aos complementos, foram identificadas algumas ausências de ferragens antigas, ainda de ferro fundido, segundo padrão colonial de época.



28



29



30



31

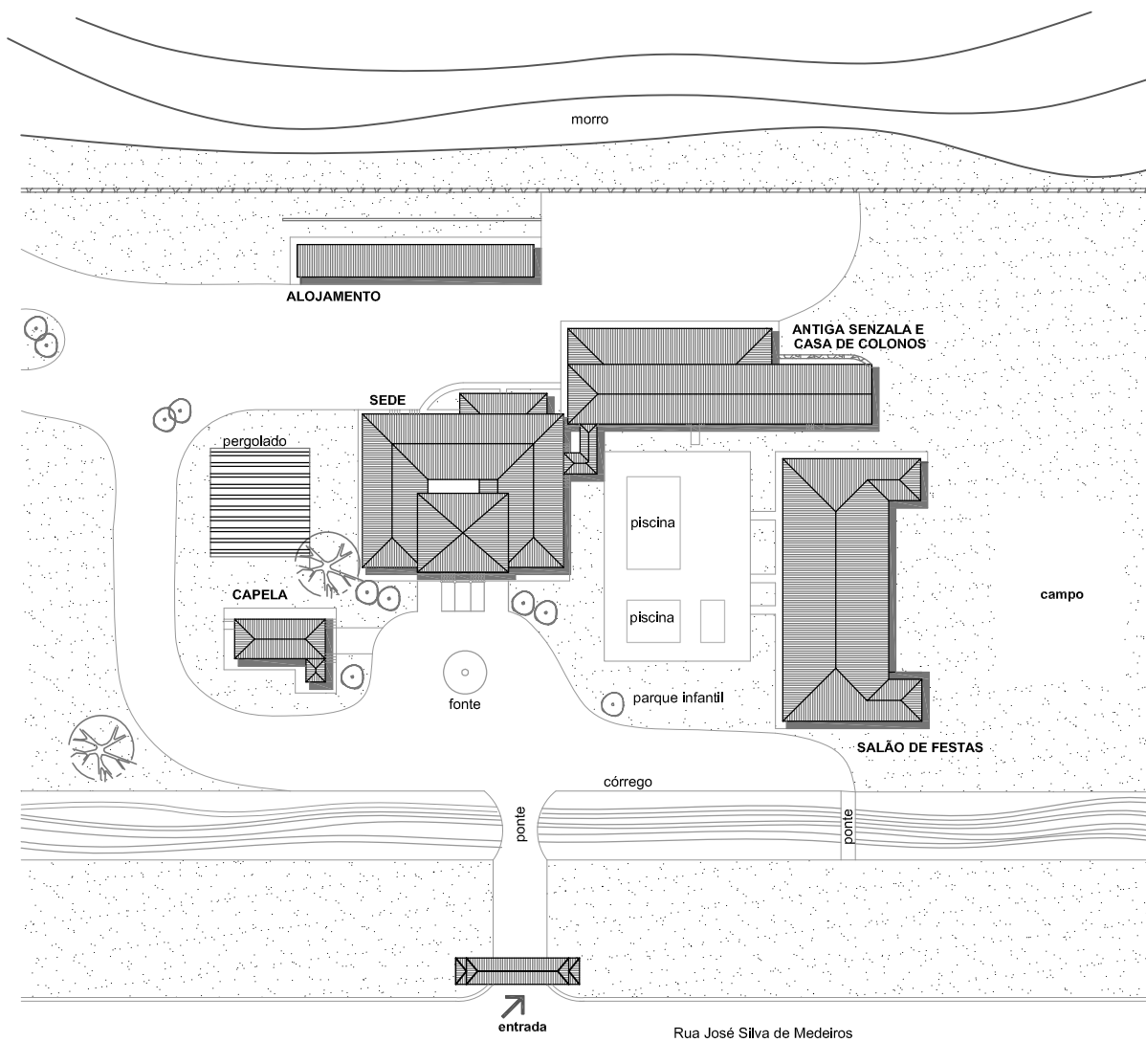


32

FAZENDA VALVERDE

Observações:

1. A estrada que dá acesso à Fazenda Valverde também é caminho para as Fazendas Belém, Castelo, Bela Esperança, Calçado e Calçadinho.



1

Croqui Implantação

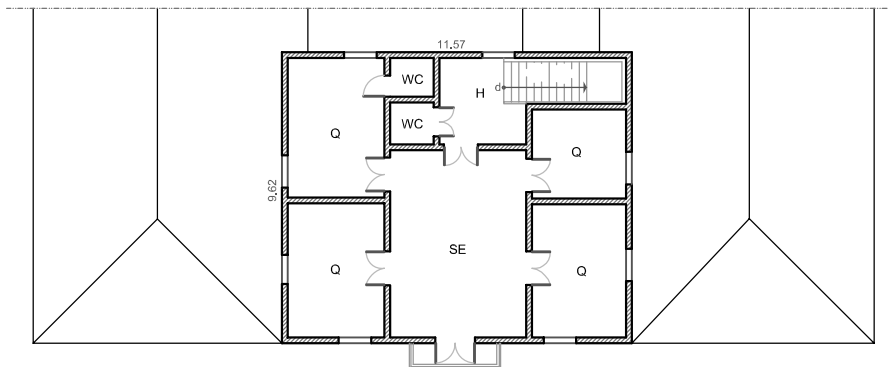
escala: 1/1000



FAZENDA VALVERDE

Observações:

1. Os espaços assinalados foram acrescentados à Sede - não havia a área onde os mesmos foram edificados. Os demais banheiros existentes são proveniente de mudança de uso de cômodos ou redivisão dos mesmos;
2. As esquadrias circulares no Auditório foram fechadas com painel removível, caracterizando uma modificação facilmente reversível.



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pav.
escala: 1/250



1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/250

0 1 5 10

AUD - auditório COZ - cozinha DEP - depósito H - hall PI - pátio interno RE - recepção SJ - sala de jantar VA - varanda alvenaria existente
CI - circulação DE - despensa E - escritório J - jardim Q - quarto SE - sala de estar STV - sala de tv WC - varanda alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F01 - SJVRP

2/4

equipe:

Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira

desenhista:

Maciel Torres
Priscila Oliveira

revisão:

Francyla Bousquet

data:

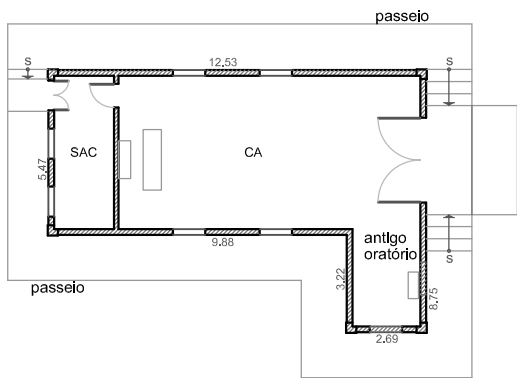
dez 2008

FAZENDA VALVERDE

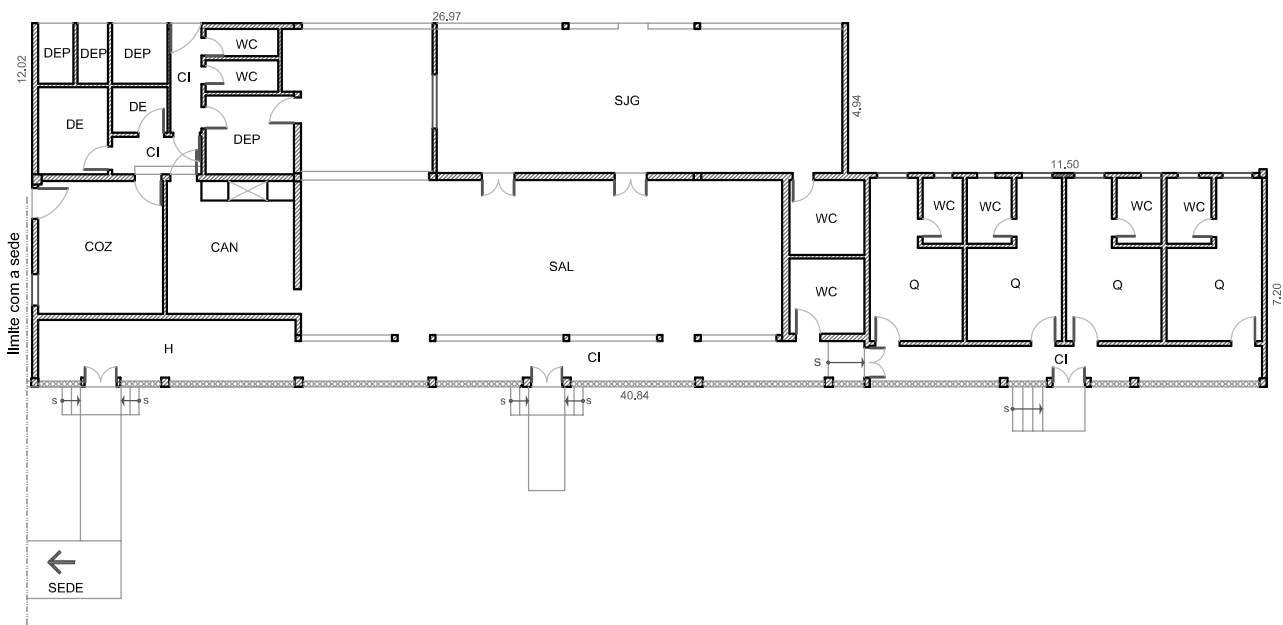
Observações:

1. O antigo oratório da fazenda encontra-se em área lateral da igreja. O oratório em utilização foi transferido de outra fazenda para o local do altar;

2. O espaço hoje ocupado por quartos ao lado da sede era utilizado como casa do administrador da fazenda. A construção perdeu parte de suas instalações devido ao arruinamento das estruturas.



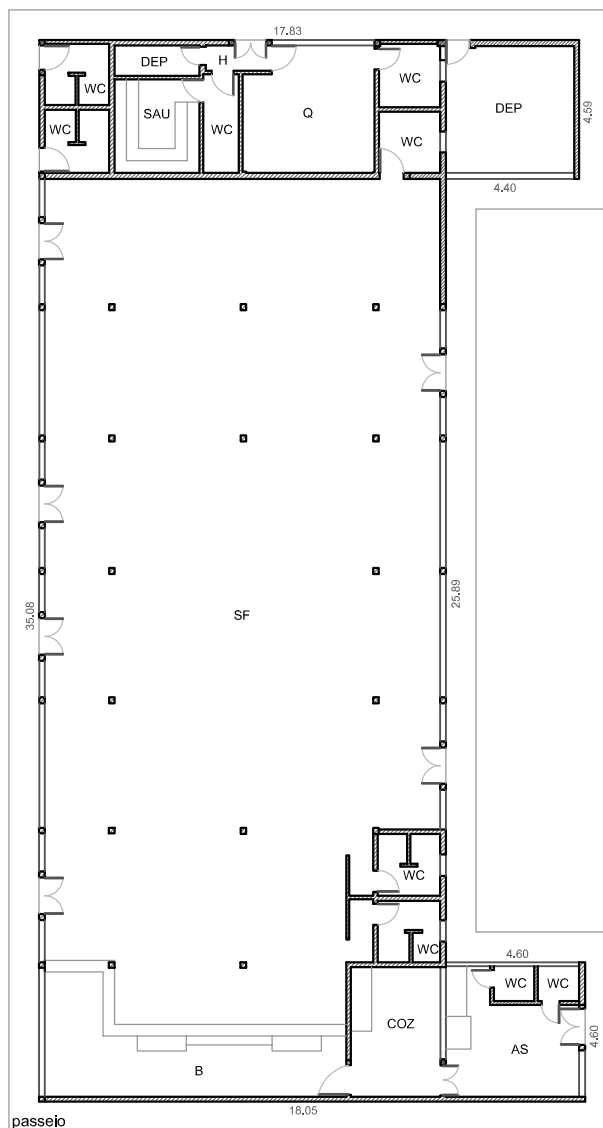
2 Planta Baixa da Capela
escala: 1/250



1 Planta Baixa da Senzala
escala: 1/250

CA - capela	CI - circulação	DE - despensa	H - hall	SAC - sacristia	SJG - sala de jogos	alvenaria existente
CAN - cantina	COZ - cozinha	DEP - depósito	Q - quarto	SAL - salão	WC - banheiro	alvenaria demolida
Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense						3/4
equipe: Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira			desenhista: Maciel Torres Priscila Oliveira	revisão: Francyla Bousquet	data: dez 2008	

FAZENDA VALVERDE



1

Planta Baixa do Salão de Festas

escala: 1/250



AS - área de serviço
B - bar

COZ - cozinha
DEP- depósito

H - hall
Q - quarta

SAU - sauna
SF - salão de festas

WC - banheiro

alvenaria existente
alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AV - F01 - SJVRP

4/4

equipe:
Francyla Bousquet / Maciel Torres / Priscila Oliveira

desenhista:
Maciel Torres
Priscila Oliveira

revisão:
Francyla Bousquet

data:
dez 2008

A Fazenda do Valverde foi instalada em uma parte das terras desmembradas da sesmária concedida a Florinda Maria da Encarnação. A sesmária original – situada entre as sesmarias de seu esposo, Domingos Lopes de Carvalho; de Maria Tereza Joaquina Sauvan Monteiro de Barros; de Francisco Martins Esteves; e de Manoel Muniz de Albuquerque –, media meia légua de testada por meia légua de fundos, havendo sido requerida à Vila de Santo Antônio de Sá em 1809.

A história da fazenda remonta aos primeiros desbravamentos dos sertões do Rio Preto, ocorridos no século XVIII. A sede foi construída por Antônio Jacintho Franco, que comprou essas terras do Dr. Carlos Augusto César Menezes, proprietário das mesmas em 1856, época em que o local chamava-se Sítio do Monjolo Velho. Também foram adquiridas, nessa mesma oportunidade, as terras dos herdeiros da proprietária da sesmária original e do Sítio Rio Acima, de propriedade de Maria Luíza do Nascimento.

A historiadora Ângela Limongi Carvalho, em pesquisa realizada no ano de 2000, avaliou ser provável que, além da casa-sede e da senzala remanescentes, outras construções ainda existentes à beira da estrada pertencessem ao antigo Sítio do Monjolo Velho. No entanto, a observação atual aponta para construções já contemporâneas, inclusive com coberturas em telha francesa.

O local recebeu reformas em 1882 – ano que é exibido no pórtico de entrada da Fazenda – e em 1978, estas últimas executadas pelo Sr. Mariano Furtado da Rosa, hoje já falecido, esposo da atual proprietária, Sra. Nazir Pacheco Furtado.

O Inventário dos Bens Culturais do Município de Petrópolis – FUNDREM¹ – publicado em 1982, ainda registra a localidade de São José do Vale do Rio Preto como 5º Distrito de Petrópolis, situação que sofreu modificação em 1987, quando a região foi emancipada, surgindo o atual município de São José do Vale do Rio Preto. Segundo este inventário, a fazenda – localizada na Rua Professora Maria Emília Esteves s/nº –, estava situada em área residencial e comercial, em terreno plano, afastado da rua por um córrego e vegetação que impediam o antigo acesso, que na época do levantamento era realizado através do caminho que passa pela senzala (residência dos empregados) e terminava nos fundos da casa.

Antônio Jacintho Franco nasceu na Ilha de São Miguel, vila nordestina, arquipélago dos Açores, em Portugal, em 19/07/1827, e foi batizado na freguesia de São Pedro, no local acima declarado. Filho legítimo de Manoel José da Costa Homem e Diana Jacintho Franco, casou-se com a brasileira Emília Rosa Barreiro Xavier. Deste casamento nasceram os seguintes filhos: Emília Augusto Franco Raposo (casada com Manoel Raposo Santos); Isaura Emílio Franco (casada com João Batista Giener) e o Dr. Alfredo Jacintho Franco, médico, que foi casado com Francisca Ferro Franco e, em segundas núpcias, com Colomba Féo Franco. Do segundo casamento de Antônio Jacintho Franco – com Luíza Prisciliana Maria de Jesus –, nasceram dois filhos: Antônio Jacintho Franco Filho e Maria Jacintho Franco, esta casada com José Silveira Medeiros (Zé da Horta).

Antônio Jacintho Franco faleceu em São José, em 1905, deixando o prédio da fazenda e parte das terras para sua segunda esposa e para sua filha, Maria Jacintho Franco. Parte dessas terras foi vendida, em 1978, para Mariano Furtado da Rosa, permanecendo outras partes da antiga propriedade com os herdeiros da família Franco.

Mariano Furtado da Rosa, nascido em Petrópolis em 27/09/1931, veio para São José do Rio Preto, então antigo 5º. Distrito de Petrópolis, em 1952, para realizar uma empreitada de obra de calçamento de rua. Lá casou-se com a rio-pretana Nazir Faraco Pacheco, a qual, pelo lado dos Faracos, era descendente de italianos e pelos Pacheco Botelho e Cabrais da Ponte, era descendente de portugueses da Ilha de São Miguel. O fruto dessa união foram os seis filhos, alguns dos quais, juntamente com sua mãe, cuidam da fazenda até os dias de hoje.

O casal, antigo proprietário da Fazenda Calçadinho, segundo conta D. Nazir, vendeu a propriedade para possibilitar a compra da Fazenda Valverde. Da Calçadinho foi trazido parte do mobiliário que hoje ainda se encontra na Fazenda Valverde, importante registro de peças importadas da Europa. O restante da mobília da época foi consumido em um incêndio ocorrido na Fazenda Calçadinho, após a sua venda.

¹ FUNDREM, Fundação para Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – Inventário dos Bens Culturais do Município de Petrópolis, RJ, 1982.